

## O MUNDO PÓS-ANIVERSÁRIO

LIONEL SHRIVER

Rio de Janeiro: Intrínseca, 2009

### ESTANTE DE LIVROS

Nossa seção de resenhas divulga, em geral, publicações de autores ligados a práticas sistêmicas. Não apenas textos relativos à terapia familiar como também de outras práticas com grupos e comunidades nas áreas de educação, saúde ou desenvolvimento social.

Embora sob uma compreensão construcionista não busquemos definições gerais para as situações que nos são apresentadas, é especialmente quando atendemos casais que a singularidade das demandas, daquilo que é nomeado como problema ou, no limite, descrito como maltrato, desamor ou traição, nos desafia a aprender os significados dos muitos vocabulários presentes em uma terapia de casal.

Neste número proponho ampliar nossa escuta dialogando com um romance.

A literatura e o cinema nos oferecem situações relacionais preciosas que dialogam com experiências clínicas. Escolhi um romance que, de maneira original e criativa, apresenta a incompletude inerente à relação de casal e o anseio pelo diferente como ilusão de preencher a falta – quando vivida como fracasso – atribuída ao outro de conseguir o milagre do casal-unidade: a união de dois em um sem fissuras nem fraturas.

O romance *O mundo pós-aniversário* conta a história de um casal de americanos radicados em Londres. Sua autora, Lionel Shriver, é norte-americana e também vive em Londres.

Lionel Shriver nasceu com o nome de Margareth Ann e aos 15 anos trocou-o pelo nome masculino Lionel. Conheci-a na FLIP de 2010. Ela fala da mudança de nome como algo simples: não gostava dele; achou interessante um nome masculino. É casada e não tem filhos. Apresentei-me, na mesa de autógrafos, como terapeuta familiar, dizendo que em um grupo de estudos sobre casal estávamos lendo seu livro cujas narrativas geraram reflexões muito úteis ao nosso trabalho.

Ela me respondeu: “*I wanted to do justice to fairly normal happiness in marriage.*”

A dificuldade de escrever sobre “uma simples felicidade conjugal” escapando do relato água com açúcar é contornada por admirável engenhosidade narrativa.

O casal é apresentado por sua vida tranquila e estável; Irina é ilustradora de livros infantis, e Lawrence trabalha em um importante centro de estudos estratégicos. Para todos os amigos, eles formam o protótipo do casal feliz, com uma relação de invejável solidez... até o final do primeiro capítulo.

Uma viagem de trabalho de Lawrence quebra o hábito do casal de comemorar o aniversário de um amigo jantando com ele. Irina, a contragosto, vai se encontrar com Ramsey Acton, um personagem em tudo diferente deles: estrela

### HELENA MAFFEI CRUZ

Socióloga, psicóloga,  
terapeuta familiar, mestre  
em psicologia clínica, sócia  
fundadora e docente do  
Instituto FAMILIAE - SP

do jogo de sinuca, muito popular na Inglaterra, elegante, esbanjador, sem nenhum interesse nos assuntos sérios que ocupam completamente Lawrence, nem mesmo no trabalho mais facilmente apreciável de Irina.

Após o jantar em um suntuoso restaurante, Irina e Ramsey vão para a casa dele. Ele começa a exemplificar uma série de diferentes tacadas e em um momento em que seus rostos estão muito próximos, Irina sente um irresistível desejo de beijá-lo.

Do segundo capítulo em diante, o romance se desenrola em duas versões: a primeira narra os acontecimentos seguintes, na hipótese de ela não ter cedido ao impulso e mantido seu casamento; a segunda começa do beijo que aconteceu e seus desdobramentos: o relacionamento extraconjugal, sua separação de Lawrence e o casamento com Ramsey.

As incertezas e recriminações do período inicial são reveladores das múltiplas vozes constitutivas de sua maneira de estar no mundo.

Irina gostava de pensar em si mesma como uma pessoa decente. Mas, nessa que era a mais reveladora das esferas, ela se tornara indecorosa, da noite para o dia. Embora preferisse encarar sua infidelidade como “atípica”, nunca chega a ser convincente dizer que não se é o tipo de pessoa que faz exatamente o que se está fazendo. Portanto, as tardes furtivas com Ramsey eram necessariamente típicas.

Quantas vezes ouvimos de um dos membros de um casal frases como: “eu não sou essa pessoa”, ou “é como se não fosse eu”, “juro que não tem nada a ver com o nosso casamento”? Quais concepções de *self* facilitam uma escuta genuína, como propunha Goolishian ao lembrar-nos de ouvir o que o paciente diz, não aquilo que achamos que ele quer dizer?

Os desdobramentos pós-aniversário são narrados sob a ótica de Irina. Muito dependente de Lawrence, sentia-se frequentemente pouco importante. A rotina de vida com direito a TV e pipoca todas as noites só era interrompida por palestras ou conferências proferidas por Lawrence, tanto em Londres como fora da cidade e do país; os gastos do casal eram extremamente parcimoniosos, e roupas eram algo para cobrir o corpo. O sexo acontecia sempre de maneira idêntica, sem palavras nem variações.

Ramsey põe brilho em tudo. Sua vida de campeonatos acontece em lugares luxuosos, ele compra roupas caríssimas para Irina, tem um carro de luxo e esbanja o dinheiro que ganha com facilidade. É um amante fervoroso, ciumento, briga facilmente, mas “vai ao ponto” em todas as questões, o oposto de Lawrence, que sempre escapa para algo periférico ao que Irina quer discutir.

Com uma lupa potente e impiedosa, Shriver aponta os efeitos colaterais de cada uma das maneiras de Irina se relacionar, tanto na escolha de manter a rotineira e previsível relação com Lawrence como ao se lançar no excitante mundo de Ramsey.

A descrição da possibilidade virtual de se trilhar dois caminhos ao mesmo tempo abre um espaço reflexivo sobre as insatisfações que são trazidas pelos casais, que se acumulam transformando-se em dívidas impagáveis, com frequência cobradas com juros cada vez maiores.

Há diálogos que são verdadeiros exercícios para nos tornar atentos às múltiplas vozes presentes em nossa escuta como terapeutas: como ouviríamos essa frase, de Irina, já no final do livro, para Lawrence (no caso, ex-marido)?

*Não sei se algum dia admiti isso para você com franqueza. Sempre quis que você me achasse ambiciosa, sabe, uma profissional séria [...] mas a verdade é que só existe uma coisa que eu realmente sempre quis, mais do que qualquer outra, e não é o sucesso profissional. A única coisa sem a qual eu não posso viver é um homem. Isto deve parecer pavoroso, dito assim às claras! Mas, correndo o risco de parecer idiota, eu queria um amor verdadeiro e duradouro. Acho que até envelhecer seria interessante, se eu pudesse fazê-lo ao lado de outra pessoa.*

A conversa prossegue e Lawrence afirma:

*– O Ramsey sempre foi legal.*

*Irina responde:*

*– O Ramsey é o que eu chamaria de um homem encantador. Você é o que eu chamaria de um bom homem.*

*– E o que as mulheres preferem: que seus homens sejam bons ou encantadores?*

*– Ah! Não importa com qual deles fique, a mulher se pergunta se não estaria melhor com o outro.*

Quando estamos diante de vidas humanas, podemos conjecturar como significados que carregam sofrimento chegaram a ser privilegiados em detrimento de outros geradores de bem-estar, mas não podemos fazer experiências.

Ao ouvir de nossos pacientes narrativas cheias de dor, ressentimento, medo ou autoacusação, não podemos construir outras histórias simplesmente imaginando que os acontecimentos tivessem sido completamente diferentes.

Através da magia da escrita criativa apreciamos possibilidades como a reversão de tempo ou a ocorrência de eventos mutuamente excludentes.

Freud já apontava para a literatura como fonte de conhecimento sobre as vicissitudes do conviver. Rollo May, psicanalista existencial, nomeia artistas, em geral, como antenas da sociedade, retratando em pinturas, esculturas, filmes ou livros ficcionais, conflitos que surgirão no cotidiano de toda a sociedade, anos depois. Traduzindo para o nosso campo de ação, a arte nos chama a atenção para linguagens novas, pouco usuais.

Ao conhecermos “o mundo pós-aniversário” podemos, com os “pacientes de papel”, examinar alternativas que não acontecem simultaneamente na vida regida pela irreversibilidade do tempo. Essa experiência pode enriquecer nossa capacidade de dialogar com realidades estrangeiras ao nosso cotidiano, ajudando-nos a participar com nossos pacientes de conversas mais abertas, nas palavras de Michael White, com efeitos eventualmente geradores de histórias preferíveis.